

Métis

História&Cultura

v. 10, n. 20, jul./dez. 2011

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

Presidente:
Roque Maria Bocchese Grazziotin

Vice-presidente:
Orlando Antonio Marin

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:
Prof. Isidoro Zorzi

Vice-Reitor:
Prof. José Carlos Köche

Pró-Reitor Acadêmico:
Prof. Evaldo Antonio Kuiava

Coordenador da EducS:
Renato Henrichs

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldo Rech (UCS)
Gilberto Henrique Chissini (UCS)
Israel Jacob Rabin Baumvol (UCS)
Jayme Paviani (UCS)
José Carlos Köche (UCS) – presidente
José Mauro Madi (UCS)
Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)
Paulo Fernando Pinto Barcellos (UCS)

Editoria

Luiza Horn Iotti (UCS)

Conselho Editorial

Artur Henrique Franco Barcelos (FURG)
Benito Schmidt (UFRGS)
Eloisa H. Capovilla da Luz Ramos (Unisinós)
Fábio Vergara Cerqueira (UFPEL)
Gunter Axt (Unilasalle)
Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes (UCS)
José Alberione dos Reis (FURG)
José Martinho Remedi (UNISC)
Lorraine Slomp Giron (UCS)
Marília Conforto (UCS)
Natalia Pietra Mendez (UCS)
Rejane Barreto Jardim (UFPEL)
Roberto Radünz (UCS/UNISC)

Conselho Consultivo

Alexandre Hecker (Mackenzie/IHGSP)
Angelo Trento (Universidade de Nápoles)
Barbara Weinstein (University of Maryland)
Chiara Vangelista
(Università Degli Studi di Genova)
Cícero Galeno Urroz Lopes (Unilasalle)
Cláudio H. M. Batalha (CECULT/IFCH/UNICAMP)
Eliane Lúcia Colussi (UPF)
Eliana Relá (UCS)
Isabel Bilhão (UPF)
José Miguel Arias Neto (UEL)
Márcia Janete Espig (UFPEL)
Marília Schneider (USP)
Núncia Santoro de Constantino (PUCRS)
Rene E. Gertz (PUCRS/FFCH)
Sérgio da Costa Franco (IHGRS)
Sílvio M. de S. Correa (UFSC)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania A. B. M. Heredia (UCS)
Zilda Márcia Gricoli Iokoi (USP)

Métis

História&Cultura

v. 10, n. 20, jul./dez. 2011



EDUCS

Capa: Thanara Schönardie

Foto da capa: Fernando Bueno (detalhe da fachada de um prédio na Praça da Alfândega – Porto Alegre – RS)

Editoração: Traço Diferencial

Revisão: Organizadores e autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

M592 Métis : história & cultura / Universidade de Caxias do Sul – v. 1. n. 1
(2002). – Caxias do Sul, RS : Educs, 2011.

v. 10, n. 20 (jul./dez. 2011)

Semestral

Disponível também: World Wide Web (<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>)

ISSN impresso 1677-0706

1. História. 2. Cultura. I. Universidade de Caxias do Sul.

CDU: 94

Índice para o catálogo sistemático:

1. História	94
2. Cultura	008

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500

Direitos reservados à:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-970 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197

Home page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



Sumário

Introdução: uma breve reflexão a respeito dos estudos sobre o homossexualismo / 7

ARTIGOS

Pluralizando a arte de amar: a homossexualidade e a historiografia da trajetória do movimento homossexual
Pluralized the art of love: homosexuality and historiography path of homosexual movement / 17

Luana Molin

Gabando-se de sua virilidade: construções da masculinidade no médio império

Boasting about hardness: constructions of Middle Kingdom masculinity / 35

Richard B. Parkinson

Homossexualismo no Egito antigo
The homosexuality in ancient Egypt / 69

Antonio Brancaglioni Júnior

Sobre efeminação e virilidade, a Grécia vista do pampa / *Effeminacy and virility, Greece seen from the pampa* / 81

Fábio Vergara Cerqueira

Representações homoeróticas masculinas na cultura material romana e as exposições dos museus: o caso da Warren Cup / *Male homoerotic representations in roman material culture and the museum exhibits: the case of the Warren Cup* / 111

Renato Pinto

A teatralidade de *De profundis* [Epístola: in *Carcere et Vinculis*] de Oscar Wilde: um grito homoafetivo como experimento poético-político / *The theatricality of De profundis* [Epistle: in *Carcere et Vinculis*] Oscar Wilde: a homoaffective scream as a poetic-political experiment / 133

Adriano Moraes de Oliveira
Maurício da Rosa Rodrigues

A transexualidade e os discursos sobre sexo em *Minha vida em cor-de-rosa* / *Transsexuality and the discourses about sex in My life in pink* / 153

Josiane Aparecida Franzó

Masculinidades em Rose: gays efeminados/homens discretos / *Masculinities in Rose: effeminate gay/discreet men* / 165

Charles Roberto Ross Lopes

Se Deus é menino e menina: a diversidade pede passagem / *If God is boy and girl: diversity seeking passage* / 185

Marlene Almeida de Ataíde

Homoerotismo no Cariri cearense: inscrições de um objeto em suas relações com o silêncio / *Homeroicism in the Cariri region (Ceará): inscriptions of an object and its relations with silence* / 197

Roberto Marques

Homoafetividades femininas em Blumenau: cartografias possíveis / *Female homosexuality in Blumenau: possible mappings* / 219

Celso Kraemer

Carla Fernanda da Silva

Fabiele Lessa

Do mesmo direito de amar ao direito de amar o mesmo: superando os óbices ao reconhecimento jurídico e social das famílias homoafetivas no Brasil / *Even the right to love the right to love de same: overcoming the obstacles legal and social recognition of a gay relationships in Brazil* / 243

Maria Claudia Crespo Brauner
Sérgio Danilo Madeira

Tutela jurídica da família homoparental no Brasil: avanços na concretização dos direitos de liberdade, igualdade e dignidade humana / *Homoparental family legal protection in Brazil: progress in implementation of the rights of freedom, equality and human dignit* / 255

Maria Claudia Crespo Brauner

Ana Carolina da Silveira

O tema da homofobia em dissertações e teses / *The subject of homophobia in dissertations and theses* / 273

Paulo César Possamai

Anderson da Cruz Nunes

Política editorial e normas para a publicação / 285

Introdução: uma breve reflexão a respeito dos estudos sobre o homoerotismo

O homoerotismo é uma prática mais ou menos aceita e integrada em sociedades do presente e também assim se deu no passado. Por vezes, os gêneros dos envolvidos são tidos como distintos, como no caso do travestismo, quando um dos indivíduos parece ser de um gênero “invertido”. Casos assim podem mesmo ser institucionalizados, como o são os/as *hijras*: transexuais masculinos castrados em cerimônias religiosas, na Índia. (MONEY, 1988, p. 89-90). Contudo, ao menos na sociedade ocidental moderna, na grande maioria das vezes, os gêneros dos envolvidos nas práticas homoeróticas são tidos como iguais pela sociedade. E há, ainda, que serem consideradas as diferentes posições hierárquicas e etárias que podem qualificar os indivíduos e os paradigmas de suas práticas sexuais. (GONTIJO, 2004, p. 1-2). Será a partir do século XIX, em especial no Ocidente, que o homoerotismo ganhará matizes identitários mais claramente detectáveis. Não é coincidência que essa atribuição de identidades cingisse o nascimento de uma conceituação de sexualidade humana.

Não pretendemos tratar, nesta introdução, de maneira profunda ou exaustiva, de questões teóricas sobre sexualidade: os textos são ricos delas e jamais poderíamos fazer jus à complexidade do tema neste momento. Contudo, cabe pincelar alguns pontos importantes sobre a trajetória dos estudos sobre sexualidade e a questão homoerótica. Seremos breves.

Hoje, parece estar claro que as ciências humanas se voltaram com mais afinco à questão da sexualidade, após o fortalecimento dos estudos feministas na década de 70 (séc. XX). Mas se pode argumentar que os estudos acadêmicos de sexualidade são oriundos dos estudos da Sexologia, iniciados ao fim do séc. XIX, em especial nos países de língua inglesa. Desde aqueles primórdios, até meados do séc. XX, os sexólogos delinearão uma abordagem taxonomista para as práticas sexuais. Suas fontes foram, em larga medida, a biologia, a medicina e a sociologia, que serviriam para enquadrar os estudos de caso em variações sexuais. A partir daí, tais variações foram associadas a identidades sexuais. A separação entre indivíduos, tendo em conta suas

práticas sexuais, também levou à legitimação dos estudos de sexualidade nos centros acadêmicos. (SCHMIDT; VOSS, 2000, p. 7-8). Isso significa dizer que a sexualidade, como objeto de estudo, não é fruto apenas das últimas décadas. Contudo, as discussões não se desenvolveram da mesma forma ao longo do tempo. A ideia de que a sociedade vitoriana eliminara o sexo das rodas intelectuais parece ser errônea. Ao contrário, nota-se uma incitação para que o sexo seja declarado, exposto, desde que sob o rígido controle dos retentores do saber: médicos, acadêmicos, psiquiatras, etc. (SINFIELD, 1994, p. 26; FOUCAULT, 1996, p. 46). No séc. XIX, não se cala diante do sexo, ao contrário, fala-se dele de outra forma. (FOUCAULT, 2005, p. 29). Há o nascimento de uma forma mais ardilosa e sutil de exercer o poder por meio da normalização da sexualidade, não recorrendo à simples censura. (FOUCAULT, 2005, p. 15-16; GIACOIA JÚNIOR, 2006, p. 189). A publicação dos volumes da *História da sexualidade*, de Michel Foucault, entre 1976 e 1984, nos instiga a repensar conceitos modernos sobre repressão sexual e apresenta de forma contundente como os discursos heteronormativos atravessam as tradições e o pensamento hodierno.

Com a cientifização das práticas sexuais e a criação da sexualidade no sec. XIX, gênero e sexo ganharam significados mais distintos, mas não se dissociaram. Os primeiros sexólogos enfatizaram a inseparabilidade de sexo e gênero, muito embora pouca luz pudesse ser lançada à disputa para identificar qual se impunha ao indivíduo: o sexo determinava o gênero, ou seria, justamente, o contrário disso? Nos anos 80 (séc. XX), a *História da sexualidade*, de Foucault, ajudou a trazer de volta ao movimento feminista, já há uma década em ebulição, a sexualidade como um aspecto distinto nas relações sociais e não apenas como um subproduto funcional do gênero. Tradicionalmente, nos estudos sobre gênero e sexualidade, o sexo tem sido compreendido como natural: características anatômicas, hormônios, cromossomos, e por aí vai. Já se questionava isso nos anos 80 do séc. recém-findo, mas, em especial, a partir da obra de Judith Butler, *Gender trouble* (1990), o sexo (como algo natural e imutável) começou a ser posto em dúvida. O principal ponto de discussão é se sexo é discursivamente construído e como associar os fatos tidos como naturais do sexo ao discurso científico que poderia estar a serviço de interesses políticos e sociais. Para Butler, sexo sempre foi gênero, então, a divisão para fins de análise entre eles não deveria existir. Outra autora que defende o questionamento da naturalidade do sexo, ou melhor, argumenta que sexo e corpos são categorias instáveis, é Elizabeth Grosz (1994).

Faz-se importante a compreensão de que nossos conceitos a respeito do que são as práticas sexuais não são naturais, imutáveis. Eles variam de acordo com o contexto histórico que estudamos e com nossa própria forma de viver o presente. (BUTLER, 1990, p. 6, 140-141). Por isso mesmo, a história é um campo fundamental para o estudo dos discursos sobre a sexualidade. O passado é continuamente reconstruído, a fim de legitimar ideologias dominantes no presente, e a historização dos discursos pode assumir o papel de instrumento político que promove a pluralidade. (JENKINS, 1991, p. 25; LOPES, 2000, p. 293), citando a obra *A ordem do discurso*, de Foucault (RAGO, 2002, p. 261-263). O interesse pelas diferenças no passado e no presente, além de um olhar crítico lançado sobre a natureza do trabalho do pesquisador como intérprete e transformador social, são essenciais para entendermos como nossas aspirações, percalços profissionais e nossas negociações diárias de identidade afetam e conduzem a forma como nos apropriamos do passado (RAGO; GIMENES, 2000, p. 10-12) e moldamos o presente.

Com a historicização dos discursos, também se tornou claro o quão problemático era o uso indiscriminado de termos modernos para definir conceitos de sociedades do passado. O próprio termo *sexualidade* é um conceito do séc. XIX, que, por sua vez, gerou outros, tidos como naturais por muitos ainda hoje, como: *homossexualidade* e *heterossexualidade*. As normas de conduta, daquilo que é tido como apropriado, são fruto dos discursos advindos do séc. XIX. Aquele século abriu caminho para a transformação do ser humano que comete atos sexuais considerados *impróprios* por setores sociais conservadores em uma entidade categorizada, reificada e intrinsecamente afetada por suas práticas. A sodomia, comumente definida pelos dicionários atuais como qualquer relação sexual *anormal* entre homens ou entre um homem e um animal,¹ com ou sem contato anal, torna-se elemento jurídico-antropológico específico no séc. XIX (ROBB, 2003, p. 4), mas algumas Cortes da Europa já julgavam os acusados da prática mesmo antes daquele século. (COOK, 2003, p. 9).² Ver Graham Robb (2003, p. 18-19) para uma perspectiva menos sinistra da aplicação de penas.

A questão moral religiosa nunca desapareceu, de todo, da equação e está na origem do termo, a cidade bíblica malfadada de Sodoma. Mas o pecado, no limite, poderia afligir qualquer um. Já no séc. XVIII, o sodomita era associado à efeminação – ou, paradoxalmente, à hipermasculinidade animalesca – e tido como criatura degenerada, dotada de proclividades

sexuais desviantes, ainda que, por vezes, a sodomia pudesse ser também associada a uma enfermidade. (COOK, 2003, p. 8). Residia na segunda assertiva o temor maior daquela sociedade conservadora: se patológico, poderia ser contagioso? Inaceitável condição para os dotados de ilibada moral. De fato, muitos dos condenados nada demonstravam dos traços efeminados tidos como definidores do degenerado. (COOK, 2003, p. 9). Outras teorias para explicar a existência dos sodomitas eram ainda mais precárias: a invasão perniciososa de ideias e indivíduos estrangeiros, fruto das guerras napoleônicas e do contato colonial com os africanos; o excesso de urbanização nas grandes cidades europeias, como Londres e Paris. (ROBB, 2003, p. 8-9). Curiosamente, alguns nazistas como Heinrich Himmler, acreditavam que alguns rapazes se tornavam homossexuais porque, agora, edifícios urbanos dificultavam-lhes o acesso aos dormitórios de moças solteiras. (ROBB, 2003, p. 10). A medicina, por meio da psiquiatria e da Sexologia, incumbiu-se de separar o sodomita de outros membros respeitáveis da sociedade.

Antes praticante de um pecado ou vítima de uma patologia que a todos poderia acometer, agora, o sodomita, um ser desviante das normas civis e divinas, deveria ser categorizado de forma explícita, nomeado e explicado: o homossexual torna-se uma taxonomia, um ser humano diferente. (SINFIELD, 1994, p. 12-13; FOUCAULT, 2005, p. 43-44). Coube ao conceito nascente de sexualidade enquadrar as novas identidades marcadas pelas práticas sexuais. Este é o ponto: fala-se de identidades *sexuais*, de algo intrinsecamente diferente, não de simples lubricidades e vícios superficiais ou de simples vitimações da moderna urbanização europeia. E, dessa feita, o sexo ganha as luzes, ou antes, a *sexualidade* vai ao procênio. Segundo David Halperin, a homossexualidade (e também a heterossexualidade) pressupõe sexualidade porque sua concepção implica a existência de uma dimensão sexual específica relacionada à personalidade humana, um conjunto de atos sexuais, desejos e prazeres que caracterizam o indivíduo. A sexualidade se coloca como constitutiva do ser, organiza e o interpreta, não sendo apenas uma representação neutra de um estado objetivo de coisas. Sexualidade gera identidade, atribuindo uma natureza sexual aos indivíduos, sua essência explicada por termos especificamente sexuais.

A identidade sexual pretende romper com a de gênero, mostrando-se preocupada com tipos de proclividade sexual e indiferente ao quão masculino ou feminino alguém poderia ser. E é justamente nesse ponto que se pode dizer que o conceito de sexualidade não se aplica ao mundo antigo, por

exemplo. Sexualidade é uma construção moderna que se apresenta como uma categoria existencial que pode ser separada das outras instâncias da vida. (HALPERIN, 1990, p. 131-132, 134).

Assim, não se poderia arguir que nossos conceitos modernos sobre as práticas e identidades sexuais se aplicam a toda história das sociedades. As diferenças entre presente e passado também revelam a ineficácia das generalizações e da compartimentalização das identidades sexuais e de gênero. Tanto no passado quanto no presente, o comportamento humano, nas suas práticas sexuais, mostra-se matizado e muito mais complexo do que, até recentemente, se pensava. E tal diversidade deve ser ressaltada e celebrada. A percepção das diferenças deve ser vista como uma importante ferramenta construtiva para entendermos como agimos no mundo de hoje. (SORENSEN, 2005, p. 117).

O pós-modernismo abriu caminho para múltiplas interpretações do passado, e as opiniões e as vozes de grupos minoritários passaram a ser discutidas e ouvidas em muitos centros acadêmicos. Esse movimento de largo espectro clamou por abordagens que garantissem espaço para estudos sobre a multiplicidade de identidades, em especial, aquelas relacionadas aos gêneros e às sexualidades, assim como à análise da construção discursiva de suas definições. (JENKINS, 1991, p. 59-60). Um número significativo de trabalhos acadêmicos se desenvolveu a partir da obra de Michel Foucault, e, em diversos segmentos do conhecimento das sociedades humanas, pesquisadores da diversidade sexual humana têm criado arenas de debates onde se podem ouvir vozes de grupos tradicionalmente excluídos da história, por exemplo. Tais debates mostraram, ao longo da década de 80 (séc. XX) que não caberia a generalização de certas categorias tidas como autoexplicativas, como *mulheres*, já que tal termo engloba identidades sexuais múltiplas e não dá conta de grupos minoritários como o das lésbicas, por exemplo. Esse vislumbre das diferenças existentes entre as mulheres deu maior visibilidade aos movimentos de luta pelos direitos dos homossexuais (Voss, 2000, p. 183-184), que também já haviam se instalado na década de 80 (séc. XX), em segmentos acadêmicos, em especial, nos Estados Unidos. Por sua vez, entre os próprios homossexuais surgiu a percepção da enorme diversidade existente nos grupos que compunham o movimento pela luta de seus direitos civis. A criação da sigla LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros) não foi suficiente para englobar a diversidade sexual daqueles que eram tidos como dissonantes da heteronormatividade. Foi assim que se criou a ideia de uma identidade *queer*, e o “Q” passou a integrar o famoso sigloide.

O conceito de *queer* é algo que advém dos últimos dez anos apenas, e deve sua origem ao momento em que a sexualidade foi percebida como tão importante quanto o gênero pelo movimento feminista e homossexual dos anos 1980, como vimos acima. (VOSS, 2000, p. 184). No meio acadêmico norte-americano, *queer* ganhou o *status* de campo de estudo da diversidade sexual humana. Essa abordagem, que procura oferecer caminhos à reflexão sobre as sexualidades marginalizadas, por alguns chamada de teórica, está fundamentada na validade da diversidade e na fluidez das identidades sexuais, intelectuais e sociais. A teoria *queer* não almeja ser somente mais uma forma de estudo de lésbicas e gays *tout court*, antes, quer ser mais abrangente e abarcar outras entidades marginalizadas da sociologia e da teoria cultural pós-modernista. A palavra *queer*, nesse contexto, quer representar tudo aquilo que escapa da homogeneização, da normalização de nossos conceitos modernos do que são as práticas sociais dos gêneros e das sexualidades. (DOWSON, 2000, p. 163; CROUCHER, 2005, p. 610-611). Ainda assim, são os estudos sobre a homossexualidade, no presente e no passado, que predominam, uma vez que tais estudos estiveram presentes na origem da *Queer Theory*. Ela está preocupada, também, em denunciar a homofobia e outros preconceitos arraigados nos meios acadêmicos de hoje, ora explícitos, ora escamoteados, mas sempre igualmente danosos para todos: profissionais e alunos. (DOWSON, 2000, p. 162).

É dessa fértil seara de debates sobre a diversidade sexual que surgiu o interesse em produzir um volume que trouxesse para a língua portuguesa uma reflexão sobre o homoerótico. Mais do que isso, trata-se de um projeto que vai além da simples exposição de debates: além de propor reflexões aditivas ou alternativas, enuncia e escrutina temas de interesse acadêmico e artístico nacionais. Assim nasceu este dossiê da *Revista Métis*, que não é somente uma importante contribuição para os debates sobre a diversidade sexual humana; é, também, uma celebração desta, como já mencionamos ser importante fazer. Centrado no tema do homoerotismo, conta com a participação de especialistas nas mais variadas áreas do conhecimento acadêmico e artístico no Brasil. Dos debates cotejados entre os especialistas em temas da Antiguidade, e passando por análises de questões legalistas, dramaturgias e de publicações acadêmicas e populares, há aqui um conjunto de estudos sobre o homoerótico que apresenta e representa a diversidade sexual em sua forma mais multidisciplinar.

As teorias e os movimentos libertários e como se desenvolveram ao longo do tempo estão comentados e analisados neste volume. De fato, as

contribuições abordam muitos períodos históricos. As discussões sobre a homossexualidade no Egito estão aqui, e não contam apenas com a tradução de um dos principais autores internacionais sobre o tema, mas também com a opinião de egiptólogo brasileiro. Ainda da Antiguidade, apresentamos apreciações sobre as representações homoeróticas na Grécia e em Roma, levando-se em conta como se dá a recepção moderna de tais imagens e discursos. O cenário nacional não foi esquecido, naturalmente, e as origens e as repercussões das questões homoeróticas no Brasil contam aqui com preciosas reflexões: do Cariri, passando por Blumenau, indo mesmo aos *pampas*. As primeiras publicações voltadas ao público LGBT são analisadas e produzem resultados surpreendentes. As artes estão representadas nas adaptações teatrais e cinematográficas: do século XIX de Oscar Wilde, ao cinema europeu do fim do séc. XX. Sentimo-nos muito prestigiados com a riqueza de abordagens e de apreciações. O volume almejou tratar da diversidade trazendo diferentes formas de produzir conhecimento por meio da análise do homoerótico e, diante da qualidade dos textos apresentados e do naipe dos autores, cremos ter alcançado tal objetivo.

Fábio Vergara Cerqueira (UFPel)

Renato Pinto (USP)

Notas

¹ Webster's New Twentieth Century Dictionary. 2. ed. 1979. p. 1724.

² Ver Graham Robb (2003, p. 18-19) para uma perspectiva menos sinistra da aplicação de penas.

Referências

- BUTLER, J. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge, 1990.
- COOK, M. *London and the culture of homosexuality, 1885-1914*. Londres: CUP, 2003.
- CROUCHER, K. Queering Near Eastern archaeology. *World Archaeology*, v. 37, n. 4, p. 610-620, 2005.
- DOWSON, T. A. "Why queer archaeology?". *World Archaeology*, v. 32, p. 161-165, 2000.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 16. ed. São Paulo: Graal, 2005.
- FOUCAULT, M. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós; Ibérica, 1996.
- GIACOIA JÚNIOR, O. Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 187-203.
- GONTIJO, F. Quem são os "simpatizantes?": culturas identitárias homossexuais no Brasil urbano. *Sexualidade Gênero e Sociedade*, n. 21, ano XI, 2004.
- GROSZ, E. Experimental desire: rethinking queer subjectivity. In: COPJEC, J. (ed.). *Supposing the subject*. Londres: Verso, 1994, p. 113-157.
- HALPERIN, D. The Social Body and the Sexual Body. In: GOLDEN, M.; Peter Toohey (2003) *Sex and difference in ancient Greece and Rome*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 2003, p. 131-150.
- JENKINS, K. *Re-thinking History*. Londres: Routledge, 1991.
- LOPES, F. H. A história em xeque: Michel Foucault e Hayden White. In: RAGO, M et al. 2000. p. 287-308.
- MONEY, J. *Gay, Straight, and In-between*. Nova Iorque: OUP, 1988.
- RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RAGO, M. ibertar a História. In RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 255-272.
- RAGO, M.; GIMENES, R. A. O. (Org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2000.
- RENFREW, C.; BAHN, P. (ed.) *Archaeology: the key concepts*. Oxon: Routledge, 2005a.
- SCHMIDT, R. A.; VOSS, Barbara. *Archaeologies of sexuality*. Nova Iorque: Routledge, 2000.
- ROBB, G. *Strangers: homosexuality love in the nineteenth century*. Nova Iorque: W. W. Norton Company, 2003.
- SINFIELD, A. *Cultural politics: queer reading*. Londres: Routledge, 1994.
- SORENSEN, M. L. S. What is Feminist Archaeology?. In: Renfrew et al. 2005. p. 116-21.
- VOSS, B. L. Feminisms, queer theories, and the archaeological study of past sexualities. *World Archaeology*, v. 32, p. 180-92, 2000.

Artigos

